

Os subversivos anos setenta, de Michael Hardt¹

Cássia Zimmermann Fiedler²

Augusto Jobim do Amaral³

De baixo para cima

A obra agora resenhada, “The subversive seventies”⁴, ocupa um espaço privilegiado na trajetória militante e acadêmica de Michael Hardt (Maryland, 1960), teórico literário e filósofo político estadunidense, que atualmente leciona na Duke University. Nesta obra, o professor inscreve sua investigação nos anos setenta, sobretudo selecionando e analisando movimentos sociais considerados subversivos em um duplo sentido: que, por um lado, buscaram derrubar as estruturas sociais de dominação e, ao mesmo tempo, permitiram que camadas de libertação pudessem ser produzidas.

Navegar pelos anos setenta propõe um enfrentamento inicial que Hardt encara veementemente: superar as interpretações relativas à derrocada da esquerda, após as intensas (e reconhecidas) ações revolucionárias que marcaram os anos 60. Recorrentemente sublinha-se de maneira negativa o desmantelamento da unidade que caracterizava os movimentos progressistas – a própria esquerda passa a contestar a estrutura de suas organizações, abalando hierarquias internas. Para além, ressaltam-se as inúmeras derrotas que a esquerda vivenciou, como o golpe de Estado apoiado pelos EUA no Chile, a ditadura no Brasil, na Bolívia, no Uruguai e na Argentina.

Tratam-se de caracterizações complementares e mutuamente constitutivas que muitas vezes são incrementadas pelo discurso de não ter havido qualquer dinâmica progressista nesta década. As versões sobre a “década onde tudo deu errado”⁵ e a “década quando nada aconteceu”⁶ detêm alguma verdade em suas alegações, assume Hardt. Porém,

¹ Resenha de: HARDT, Michael. *The Subversive Seventies*. Reino Unido: Oxford University Press, 2023.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUCRS. E-mail: cassiazfiedler@gmail.com.

³ Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUCRS. E-mail: augusto.amaral@pucrs.br.

⁴ HARDT, *The Subversive Seventies*.

⁵ HARDT, *The Subversive Seventies*, p. 4

⁶ HARDT, *The Subversive Seventies*, p. 2

como de praxe, o filósofo insiste em não se restringir à superfície para realizar uma leitura dos resultados, buscando captar a riqueza produtiva extraordinária daqueles que foram “derrotados”.

Nessa seara, são iluminadas as particularidades do movimento gay construído na passagem entre as duas décadas. Seguindo o caminho percorrido por Michael Foucault, Hardt sinaliza que a libertação gay extrapolou a ideologia de libertação sexual dos anos 60. A revolução ameaçou e ainda ameaça a estruturação opressora não porque concebe práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo, mas sim pela possibilidade de contemplar elementos a serem utilizados como sedimento para a construção de um novo sistema de relações: “é isso que torna a homossexualidade perturbadora: o modo de vida homossexual, muito mais do que o ato sexual em si”⁷.

Tanto para Hardt quanto para Foucault, encontros comuns e afetos básicos podem ser desviados e reorientados para sustentar a perpetuação de diferentes relações. No transpassar dos anos setenta é dessa maneira que a homossexualidade passa a ser visualizada: como uma das balizas que apontam contra a ordem dominante, mas também como instrumento capaz de reorientar as práticas sociais que possibilitem a construção de um projeto progressivo de liberação.

Ainda nesse sentido, a disputa nos anos setenta entre a “Esquerda Tradicional” e a “Nova Esquerda” fez com que fosse incrementado o debate acerca das modulações vitais. Um dos cenários assinalados para tal empreitada, o Chile, é prestigiado na sua obra. De um lado, Allende, figura paradigmática da esquerda tradicional, e do outro lado, o MIR, trazendo o contraponto à legalidade eleitoral. Apesar de ser captável um impulso comum socialista dos movimentos, houve um enfrentamento entre eles propulsionado pela dissonância relativa à velocidade e ao destino dos objetivos.

O autor ressalta que “as versões do quadro Velha Esquerda e Nova Esquerda só lançam luz sobre os escalões mais altos da cena política, ou seja, os líderes políticos e seus partidos”.⁸ Expressar esse antagonismo (ou companheirismo) entre os indicados prismas da esquerda, de fato, é essencial para abrilhantar uma dinâmica política que produziu – e produz – relevantes efeitos no Chile e ao redor do globo. Contudo, restringir a discussão a uma dualidade é manter no escuro os alternativos desenvolvimentos que se desnovelam pelo “mundo inferior”.⁹

Para além da fábrica

Um dos pontos singulares do novo livro de Hardt pleiteia a desconstrução da narrativa padrão concernente à classe trabalhadora (e seus sindicatos), a qual teria sofrido uma derrota avassaladora ao longo dos anos 70. No geral, a história leva em conta uma transformação progressiva da economia, com a substituição de um modo de trabalho fabril por um novo tipo principal de atividade interligada às finanças e aos serviços. O êxodo de empregos industriais para diversas partes do mundo, como, por exemplo, aconteceu de

⁷ FOUCAULT, “Friendship as a way of life”, p. 136.

⁸ HARDT, *The Subversive Seventies*, p. 57.

⁹ HARDT, *The Subversive Seventies*, p. 57.

maneira significativa nos EUA, coloca a classe trabalhadora de luto, com a perda de empregos nas fábricas e o declínio dos sindicatos industriais.¹⁰

Apesar disso, os anos setenta estão demarcados não só pelo número, mas pelo vigor das ações progressistas. Muitas dessas movimentações reivindicavam modificar as condições nas fábricas e as relações de poder lá estabelecidas – “uma nova classe trabalhadora estava emergindo, liderada por uma geração de trabalhadores jovens e indisciplinados que não temem recusar o regime disciplinar”¹¹. Esses novos trabalhadores, reforça Hardt, não rejeitaram a organização, ou os sindicatos em si, mas repudiaram modo hierárquico de organização tradicional, buscando maneiras democráticas de se articularem em conjunto.

Para amarrar a narrativa, Hardt compreende que a intensidade das lutas dos trabalhadores, nessa década, forçou uma reestruturação capitalista – a classe proprietária constatou uma grave crise de governabilidade. Isto é, o capital, ao se defrontar com a natureza social da produção, engajou-se em uma reorientação econômica, a qual tinha por fim, ao dismantelar o aparato produtivo industrial e minar a centralidade política dos industriais, a construção de um novo regime que fosse capaz de perpetuar sua hegemonia.

Assim, é exposta a necessidade de os trabalhadores começarem a desempenhar um papel revolucionário mais amplo e, em últimas instâncias, serem capazes de reorientar suas lutas para além da fábrica, sendo possível confrontar as novíssimas estruturas de dominação. Nesse ponto, é claro, o “laboratório italiano” ganha à cena. Perpassando a descrição de três fases, os movimentos revolucionários italianos são detalhadamente exibidos como capazes de não só teorizar a respeito das novas relações capitalistas, mas inventar formas de organização capazes de oferecer contestação.

Quando a questão da diversidade de estratégias permeia os anos setenta, Hardt ressalta duas noções elementares que começam a ser desconstruídas: de um lado, sublinhavam-se as diferentes estruturas de poder como entrelaçadas, contudo, alegava-se a existência de uma hierarquia entre elas. Neste contexto, a luta anticapitalista seria prioritária, por exemplo, frente as lutas que envolviam raça e gênero (e vice-versa). Do outro lado, as estruturas de dominação eram visualizadas como independentes, devendo as resistências serem organizadas de maneira totalmente paralela, visto que para prosperar seria necessário operar apenas por meio de suas balizas¹².

Esses paradigmas teóricos, que para Hardt envolveram profundamente o desenvolvimento de conceitos como o de “patriarcado capitalista” e “capitalismo racial”, foram essenciais para levar adiante as análises que incrementavam o debate trazendo à luz as relações simbióticas entre as diferentes formas de controle, sejam patriarcais, raciais, heterossexuais ou capitalistas. Portanto, os esforços dos anos setenta obrigaram as análises ditas progressistas a contemplar as multiplicidades subversivas, suas conexões singulares e a possibilidade de experimentação de novas relações sociais e políticas, as quais, tendo um potencial de generalização, são capazes de sustentar aquilo que Hardt denomina de “multiplicidade estratégica” e o “projeto de uma democracia multirracial revolucionária”¹³.

A guerra conti(i)nua

¹⁰ HARDT, *The Subversive Seventies*, p. 87.

¹¹ HARDT, *The Subversive Seventies*, p. 94.

¹² HARDT, *The Subversive Seventies*, p. 149.

¹³ HARDT, *The Subversive Seventies*, p. 175.

Vale ressaltar que, apesar de Hardt expressar que as investigações de sua mais nova obra são focadas nos movimentos revolucionários e nos projetos de liberação, exceções explicitamente são abertas. São realizados ligeiros sobrevoos com relação à natureza e à transformação dos poderes governantes, os quais apresentam o intuito de contornar com maior exatidão a descrição da década.

O filósofo relata que nos anos setenta existiu um aumento da repressão (em número e gravidade), o qual se deu em alguns terrenos diferentes: a violência policial contra manifestantes pacíficos, o assassinato de ativistas e líderes políticos sob custódia e a propulsão de grupos fascistas, os quais apresentavam uma relação “ambígua” com militares e a polícia. Daí, a escalada da repressão é preliminarmente apresentada como sintoma derivado do declínio de instituições e mecanismos de mediação, os quais eram elementares às formas de governo do século 20¹⁴.

Em outras palavras, a mediação para Hardt “está no meio”¹⁵, exercendo e mantendo o poder. Ela tanto engaja os antagonismos em dinâmicas reformistas quanto, ao mesmo tempo, está “antes”¹⁶, na medida em que cria a base para a experiência social e política. O filósofo capta em sua análise que as indicadas ferramentas de legitimação da ordem social capitalista vão progressivamente perdendo a sua força de ajuste. A mediação é excluída, restando seu *apriori*. Segundo Toni Negri, nos deparamos com a “dominação em sua forma mais pura”¹⁷.

Essa mudança é o que designa a alternância de um cenário predominantemente mediado até uma paisagem caracterizada pelo comando ou dominação: os poderes passam a conduzir as formas pelas quais a vida política poderá seguir, ao mesmo tempo em que são excluídos os mecanismos de reforma. Trata-se de uma resposta capitalista às fábricas ingovernáveis, ou seja, uma resposta à possibilidade das sociedades se tornarem ingovernáveis: “não é realmente um paradoxo (...) ou mesmo coincidência que a década do auge do poder dos trabalhadores industriais foi também o de sua destruição”¹⁸.

A saída encontrada pelos movimentos revolucionários, argumenta Hardt, não se interligou ao retorno para as instituições de mediação política ou econômica. No geral, as atividades de liberação, ao reconhecerem que negociações trabalhistas e protestos não tinham mais grande efetividade, dedicam-se a projetos autônomos. E, para além de um “afastamento” da ordem dominante, foi possível visualizar movimentos que confrontaram por meios armados e clandestinos as forças de repressão¹⁹.

Porém, vale ressaltar, que frente ao fim da mediação, uma terceira resposta estratégia é enaltecida por Hardt: movimentos que não optaram pela construção de uma democracia autônoma ou a luta armada, mas construíram caminhos que enlaçaram as duas vias²⁰. Isto é, o grande legado dos movimentos dos anos 70 para as ações contemporâneas foi o reconhecimento de que frente à extrema repressão era necessário desenvolver estruturas de

¹⁴ HARDT, *The Subversive Seventies*, p. 204.

¹⁵ HARDT, *The Subversive Seventies*, p. 207.

¹⁶ HARDT, *The Subversive Seventies*, p. 207.

¹⁷ NEGRI, *Domination et Sabotage*: sur la méthode marxiste de transformation sociale, p. 87.

¹⁸ HARDT, *The Subversive Seventies*, p. 251.

¹⁹ HARDT, *The Subversive Seventies*, p. 224.

²⁰ HARDT, *The Subversive Seventies*, p. 256.

organizações políticas e militares, abrindo um espaço, mesmo que em um curto período de tempo, para que experiências democráticas fluíssem.

Por fim, é possível expressar que, longe de qualquer simplificação, a mais nova obra de Hardt nos faz retomar o fôlego dos anos setenta, principalmente, ressaltando a intensa atividade progressista do momento: trata-se de compreender que “a década de 1970 é quando nossa era começou”²¹. O surgimento das formas de disciplina e controle neoliberais são melhor iluminados pelos movimentos revolucionários da época, os quais, cada um a sua maneira, fomentaram as lutas de libertação em um inédito terreno. O que essas experiências produziram e como elas podem auxiliar na promoção de efetivas ações políticas hoje é aquilo que conduz a experiência provocada pelo “The Subversive Seventies” de Michael Hardt.

Referências bibliográficas

FOUCAULT, Michel. “Friendship as a way of life”. In: *Ethics: subjectivity and truth*, edited by Paul Rabinow. New York: New Press, 1997, pp. 135-140.

HARDT, Michael. *The Subversive Seventies*. Reino Unido: Oxford University Press, 2023.

NEGRI, Antonio. *Domination et Sabotage: sur la méthode marxiste de transformation sociale*. Paris: Entremonde, 2019.

²¹ HARDT, *The Subversive Seventies*, p. 256.